



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
CAMPUS A.C. SIMÕES
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

**MARCIKELE DA SILVA NASCIMENTO
ÉRIKA MANUELLA DOS SANTOS MELO**

**RACISMO NO YOUTUBE: UMA PERSPECTIVA DA INFRA-HUMANIZAÇÃO DE
MULHERES NEGRAS**

**MACEIÓ
2021**

Marcikele da Silva Nascimento
Érika Manuella dos Santos Melo

RACISMO NO YOUTUBE: UMA PERSPECTIVA DA INFRA-HUMANIZAÇÃO DE
MULHERES NEGRAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel
em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas
- UFAL.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Sheyla Christine Santos
Fernandes

Maceió
2021

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus, que esteve conosco em todos os momentos e nos permitiu concluir este ciclo de nossas vidas. Sem Ele nada disso seria possível.

Aos meus pais, Marcelo e Cicera que foram sempre exemplos de caráter e princípios que levarei para toda a vida, eles sempre encontraram formas de me proporcionar a melhor educação que estava ao seu alcance. Aos meus irmãos, Marcelaine e Mizaias que sempre me apoiaram e respeitaram meus momentos de estudos. Meus sobrinhos Pedro e Arthur que alegraram meus dias de cansaço. E em especial a meu amado noivo Thiago Araújo, pelo seu companheirismo, amor e paciência, que sempre me apoia em minhas empreitadas, me incentivando e ajudando em tudo, sem medir esforços.

Aos meus pais, Estela e Júnior por me dar todo o apoio e paciência desde o início, e por serem minha inspiração. Ao meu irmão Erick, por sempre estar ao meu lado. A minha avó Ana, que acreditou sempre em mim. A todos os meus familiares pela torcida. Minha segunda família Tenório Leite por todo apoio e incentivo enquanto morei em Maceió. As minhas amigas e aos meus amigos que vibraram junto comigo. Ao meu amigo-irmão Neto (in memoriam) por confiar em mim. E a todos aqueles e aquelas que fizeram parte direta ou indiretamente da minha graduação.

Aos nossos amigos e amigas de curso, em especial a Igor Lima que foi nosso companheiro de graduação, de conversas, almoços no R.U, extensões e de muitas risadas e acalento em dias difíceis. Agradecemos também a Adrielly, Gabriela, Felipe, Marcel, Eduardo, Thallyta e Aline Beiriz que estiveram conosco, compartilhando aprendizados e experiências juntos.

A todos os professores que fizeram parte de nossa trajetória acadêmica, em especial à professora Sheyla Christine Santos Fernandes, responsável pela orientação de nossa pesquisa, pelos ensinamentos, paciência e amizade. Foi essencial contar com uma pessoa dedicada e compreensiva durante nossa formação e ao longo desta pesquisa. A Universidade Federal de Alagoas por ter sido nossa segunda casa, durante nossa formação profissional. De maneira geral, agradecemos a todos que fizeram parte de nossa história na UFAL, onde sempre fomos bem acolhidas. Gratidão!

Pessoas oprimidas não podem permanecer oprimidas para sempre. O anseio pela liberdade eventualmente se manifesta.

Martin Luther King Jr.

RESUMO

A imagem da mulher negra está vinculada às construções históricas e sociais marcada pela inferioridade em relação ao pertencimento cultural e social. Este estudo objetiva, a partir da Teoria da Infra-humanização, analisar as crenças raciais acerca das mulheres negras no *Youtube*. A seleção do canal da rede social *Youtube* ocorreu através dos seguintes critérios: apresentar relevância nacional; discutir o racismo e ser protagonizado por uma pessoa negra. Os comentários foram extraídos do vídeo “Cabelo 4C Igual Bombril e Responsabilidade | Papo de Pretas” do canal Gabi Oliveira através da ferramenta *YouTube Data Tools*. Os dados foram organizados no *Word* para a construção do *corpus* textual que foi submetido ao *software Iramuteq*, e analisado pela Análise de Similitude, que compreende a relação da conexão entre as palavras. A análise resultou em 7855 segmentos de textos e 276919 ocorrências. A relação entre os eixos principais demonstra uma vinculação em dois eixos: a atribuição diferenciada de características naturais aos negros; e negação de características racializadas pelo branqueamento estético. A análise realizada apresenta uma teia de inter-relações entre a categorização e essencialização dos traços negros e o branqueamento. O termo central “Negro”, evidencia uma categorização do negro atrelada aos aspectos fenotípicos. Já o segundo termo central “Crespo” reflete no branqueamento da mulher negra. Esses dois eixos evidenciam que o racismo vivenciado pelas mulheres negras está vinculado com a essencialização de seus traços, e com o branqueamento de características que marcam uma identidade racial negatizada.

Palavras-chaves: 1. Mulher negra. 2. Infra-humanização. 3. Racismo. 4. Branqueamento.

ABSTRACT

The image of black women is linked to historical and social constructions marked by inferiority in relation to cultural and social belonging. This study aims, from the infra-humanization theory, to analyze the racial beliefs about black women on Youtube. The selection of the Youtube social network channel occurred through the following criteria: to present national relevance; to discuss racism and to be starred by a black person. The comments were extracted from the video "Hair 4C Equal Bombрил and Responsibility | Papo de Pretas" from the Gabi Oliveira channel using the YouTube Data Tools tool. The data were organized in Word to build the text corpus, which was submitted to the Iramuteq software, and analyzed by the Similarity Analysis, which comprises the relationship of the connection between words. The analysis resulted in 7855 text segments and 276919 occurrences. The relationship between the main axes shows a link in two axes: the differentiated attribution of natural characteristics to blacks; and the denial of racialized characteristics by aesthetic whitening. The analysis presented a web of interrelationships between the categorization and essentialization of black traits and whitening. The central term "Negro" evidences a categorization of blacks linked to phenotypic aspects. The second central term "Crespo" reflects on the whitening of black women. These two axes show that racism experienced by black women is linked to the essentialization of their features, and the whitening of characteristics that mark a negative racial identity.

Keywords: 1. Black Woman. 2. Infrahumanization. 3. Racism. 4. Whitening.

1 INTRODUÇÃO

Uma notícia publicada no portal de notícias R7 em dezembro de 2020 relatou o caso de racismo nas redes sociais sofrido pela cantora Ludmilla, mulher negra, artista relevante no cenário musical brasileiro, e influenciadora nas mídias digitais. A cantora resolveu desativar todas as suas contas e justificou essa escolha por uma onda de ataques racistas que vinha recebendo: “você não têm noção do que eu passo com essas pessoas. São 24 horas por dia de comentários racistas em todas as minhas postagens”. A cantora também relatou que realizou diversas denúncias e que esperava pela punição dos responsáveis (LOUISY, 2020).

A mulher negra é racialmente marcada pela experiência da escravidão e do racismo, sua imagem está vinculada às construções históricas e sociais que a enfatiza como expoente de inferioridade em relação ao pertencimento cultural e social (BISPO, 2011). O racismo e o sexismo se intersectam e constroem desigualdades e padrões de hierarquização que se sustentam nas relações de gênero e raça e repercutem diferentes formas de preconceito e exclusão (RIBEIRO, 2008).

A trajetória das mulheres negras é particularizada em estereótipos- sem perder de vista as variadas formas de ações e resistências-, e elas são invisibilizadas e retratadas em diferentes contextos e lugares a um nível de desumanização (CARNEIRO, 2006). Durante séculos, foi negado a essas mulheres o direito de narrar suas histórias e experiências decorrentes de uma vida cercada de racismo e reproduzir vozes que as representam (MALTA; OLIVEIRA, 2016).

Os meios de comunicação além de disseminarem as representações sociais, também funcionam como elementos que as operam, através da construção e reconstrução dos sistemas de representação, assim ocupam a centralidade na solidificação acerca dos sentidos e imagens sobre a mulher negra (CARNEIRO, 2003). Nesse sentido, a presença gradativa de mulheres negras nos meios de comunicação e como influenciadoras nas redes sociais é uma estratégia de reconhecimento, disseminação e valorização da história de conquistas dessas mulheres (SILVA, 2019).

Nesse contexto se insere o canal da *youtuber* Gabriela Oliveira- nomeado de Gabi Oliveira-, criado em 19 de julho de 2015 e atualmente contabiliza mais de 600 mil inscritos. No canal são debatidas temáticas como racismo, relações étnico-raciais, feminismo e autoestima da mulher negra. Gabriela Oliveira, mulher negra, comunicadora social e criadora de conteúdo digital, se utiliza da internet para atuar no ativismo negro. A influenciadora atualmente reúne

um público de seguidores de aproximadamente 1 milhão de pessoas nas redes sociais (YOUTUBE, 2021a).

Assim como o canal da Gabi Oliveira, diversas outras *youtubers* têm utilizado os meios digitais para falar sobre temáticas que antes eram silenciadas (ALMEIDA, 2018). Nesse sentido, as Redes Sociais Online (RSO) possibilitam a interação entre as pessoas de diversas formas e de diferentes lugares do mundo. Essas interações apresentam um crescimento exponencial e uma ampla complexidade (RECUERO, 2007; FONSÊCA et al., 2018). No entanto, existem fatores potencialmente prejudiciais em sua utilização, como é o exemplo da utilização de métodos de desvalorização da identidade de determinados grupos sociais (FERNANDES et al., 2020).

Dentre as RSO com maior impacto no Brasil, encontra-se o *Youtube* (DIGITAL, 2021). Essa rede social foi criada em fevereiro de 2005 e, dezesseis meses após a sua criação, apresentou uma rápida expansão (LATTA; THOMPSON; CAYARI, 2011). Nessa rede social, a participação individual é impulsionada pelo quantitativo de interatividade que o canal consegue obter. Assim, observa-se que a partir de uma infinidade de possibilidades disponíveis ao usuário e visitante do *YouTube*, essa rede de compartilhamento de vídeos promove constantemente pessoas anônimas ao redor do mundo (LOUREIRO, 2007).

Atualmente o alcance global do *YouTube* é de mais bilhões de usuários conectados todos os meses (DIGITAL, 2021). As métricas divulgadas pela rede social apontam que todos os dias mais de um bilhão de horas de vídeo são assistidas e bilhões de visualizações são computadas (YOUTUBE, 2021b). Considerando a relação entre a diversidade de participantes, o anonimato protegido por *nicknames*, a grandiosidade criativa da plataforma e a responsabilidade legal de atividades desenvolvidas de forma *online*, a rede social tem produzido diversos recursos para mitigar a propagação de conteúdos potencialmente nocivos como uma clara tentativa de somar a noção de responsabilidade à de liberdade (MATOS, 2020).

No entanto, assim como vem ocorrendo em outras redes sociais, essa plataforma tem presenciado a reprodução de condutas de ódio nomeadas de *cyber-hate* (SILVA; BOTELHO-FRANCISCO; OLIVEIRA, 2019). O *cyber-hate* se sustenta em duas principais características: anonimato e invisibilidade dos indivíduos, e é um fenômeno multifacetado que se manifesta em diferentes plataformas e em variados contextos (SILVA; BOTELHO-FRANCISCO, 2018). Dentre os tipos de *cyber-hate* prevalentes na atualidade encontra-se o *cyber-hate* racial (MESSMER, 2009). O *cyber-racismo*, pode ser caracterizado por qualquer manifestação por meio eletrônico ou digital, por indivíduos ou grupos, que passam a denegrir ou discriminar pessoas ou grupos, em razão à sua raça, cor ou etnia (BLIUC et al., 2018).

Algumas pesquisas apontam que a disseminação de conteúdo das mensagens racistas identifica questões ideológicas para promover a superioridade racial dos brancos, essas mensagens são justificadas pelos traços hereditários e pelas representações de minorias raciais, nas quais, quando apontadas, submetem ameaças à sobrevivência dos brancos. Tais mensagens são propagadas cada vez mais por influenciadores digitais (BROWN, 2009). Shafer (2017), ao investigar a normalização do racismo como componente do discurso nas mídias sociais, argumentou que a visão de mundo racista fortalece a branquidade como superior e se legitima através de uma lógica de estrutura racial branca decretada pelo pensamento racista e o preconceito racial.

Cisneros e Nakayama (2015) evidenciam a persistência e reconfiguração do discurso racista nas redes sociais. De acordo com os autores, há uma tentativa constante de anulação dos indivíduos que se desviam do padrão branco idealizado, nesse sentido, o desvio é ameaçador à supremacia branca e precisa ser racializado inclusive nas mídias sociais. Para Moura (2015), no Brasil, essa discriminação racial difundida nesses novos espaços da internet está intrinsecamente relacionada com a histórica disseminação de ideias acerca da inferiorização dos negros. A autora argumenta que as redes sociais são palco dos conflitos étnico-raciais, os vídeos, comentários e publicações de cunho racista demonstram que a lógica do conflito organiza essas ações discriminatórias.

A literatura aponta análises sobre *sites*, em que mulheres negras expõem suas vivências na internet. Como no blog “Eu, mulher Preta”, em que a autora conta sua própria história em uma narrativa marcada por discursos que desprezam sua origem, a blogueira relata que não se identificava como negra, mas uma “branca meio suja”, e após passar por experiências de dor decorrentes do racismo iniciou um processo de aceitação, e valorização de sua negritude, marcado por performances essencializadas de mulher preta (MELO; LOPES, 2014). A essencialização dos grupos aponta uma tendência apresentada pelos indivíduos a acreditar na existência de uma natureza biológica ou essencial presente em determinados grupos e categorias sociais (ESTRADA; OYARZÚN; YZERBYT, 2007).

A essencialização atribuída aos exogrupos é sempre uma negação de aspectos que configuram a “essência humana” (LIMA; VALA, 2005). A existência e natureza da essência imputa às categorias atributos definidores. Assim, a essencialização é um modo de representação que cria categorias e as representa com propriedades imutáveis e inerentes aos membros do grupo essencializado (PRENTICE; MILLER, 2007). Nesse sentido, a Teoria da Infra-humanização explicita que por intermédio da atribuição de características ou traços

socialmente desvalorizados alguns indivíduos ou grupos são tomados como menos humanos e são infra-humanizados (LIMA; VALA, 2005).

Através dessa leitura teórica, observa-se que endogrupos possuem traços ou características exclusivamente humanas, que compõem a essência humana e os exogrupos, possuem traços ou características menos humanas, mais desvalorizadas, mais próximos à animalidade (LIMA; VALA, 2005; LEYENS et al., 2007). A principal característica que diferencia o endogrupo do exogrupo é o favoritismo que atua no centro dos grupos, esse favoritismo se expressa por meio das emoções a eles atribuídas. As emoções primárias são conferidas aos exogrupos e referem-se àquelas fisiologicamente determinadas e podem ser concedidas aos seres humanos e animais, como a raiva e o medo. Já as emoções secundárias são consideradas unicamente humanas e são nomeadas também de sentimentos, como o amor e o arrependimento, e são geralmente atribuídas aos endogrupos (LEYENS et al., 2003).

Esses conceitos podem ser exemplificados em relação aos grupos sociais de pessoas brancas e pessoas negras, como o exemplo do colonialismo e da escravidão, destacando o racismo ao grupo minoritário (LEYENS et al., 2001). Os dois conceitos que caracterizam a teoria da infra-humanização destacam o orgulho de ser pertencente a um endogrupo, enquanto, exclui a existência de particularidades do exogrupo (LEYENS et al., 2007).

1.2 Infra-humanização e racismo

Tendo em vista o processo histórico, cultural e etnográfico brasileiro em consonância com a desculturação dos grupos racializados por meio da atribuição particularizada de características culturais e naturais, pode-se considerar que a infra-humanização dos negros é indicador da presença do racismo (LIMA; VALA, 2004). O racismo é um processo negativo dirigido a um grupo ou a uma pessoa, e manifesta-se por meio da comparação social e da negatização de características culturais e físicas, este fenômeno ocorre através da exaltação das características positivas do endogrupo e das negativas do exogrupo (JONES, 1972).

Essa categorização é permeada pela generalização das características dos indivíduos integrantes do grupo alvo (ALLPORT, 1962). No Brasil, a classificação da categoria “negros” além de estar vinculada a cor da pele também se relaciona com a cultura ou a religião e determina os níveis de infra-humanização e conseqüentemente de racismo, as representações construídas em torno dos grupos racializados configuram estes grupos como menos humanos que outros, e indignos de serem detentores de atributos humanos (FERNANDES, 2011).

A desqualificação do exogrupo através da valorização dos traços naturais e negação dos traços culturais protege a autoimagem grupal do endogrupo e estimula as crenças nas diferenças intergrupais, essas diferenças são demarcadas por meio dos traços essencializados no exogrupo (FERNANDES; PEREIRA, 2019). Nesse sentido, a infra-humanização é um expoente da emergência da racialização das relações, e o racismo por sua vez é refletido- dentre outros elementos-, pelo branqueamento (FERNANDES; PEREIRA, 2018; LIMA; VALA, 2004).

1.3 Racismo e Branqueamento

No Brasil, o branqueamento teve início com a higienização racial do negro decorrente da imigração europeia, o branco foi tomado como modelo de superioridade racial e padrão de beleza, o que também contribuiu para o branqueamento estético (DOMINGUES, 2002). A pressão cultural exercida pelo branqueamento da população negra e a necessidade de ascensão social foi uma estratégia de construção de uma identidade brasileira branca atrelada ao apagamento de uma identidade nacional conectada aos negros e sua cultura (CARONE; BENTO, 2002).

O branqueamento estético colabora para o desprezo da autoimagem e autoestima da mulher negra, quanto mais características negroides ela apresentar mais racismo ela sofre (VELOSO, 2015). Segundo Domingues (2004), a mídia utilizou da publicidade para impor o branqueamento ao povo negro; influenciou as mulheres negras a alisarem o cabelo, e teve atuação decisiva na divulgação de produtos que prometiam clarear a pele negra. Discursos como o “cabelo alisado” são formas de adequação a um padrão branco e são aspectos que corroboram para a desvalorização da mulher negra (PAULA, 2010).

Considerando a relevância do *Youtube* no cenário nacional e o racismo dirigido às mulheres negras nessa rede social, este estudo tem por objetivo, a partir da Teoria da Infra-humanização, analisar as crenças raciais acerca das mulheres negras no *Youtube*.

2 METODOLOGIA

Este estudo tem caráter documental e exploratório. Como material de análise, utilizou-se comentários que tiveram como estímulo indutor um vídeo presente na plataforma digital *Youtube* nomeado de “Cabelo 4C Igual Bombril e Responsabilidade | Papo de Pretas” do canal Gabi Oliveira que retrata um material argumentativo de uma *youtuber* contra a estigmatização

do cabelo crespo externalizada por outra influenciadora digital em um vídeo presente na mesma rede social.

Inicialmente foi selecionado um canal da rede social *Youtube*, a seleção se deu em decorrência da elaboração de alguns critérios, a saber: a) apresentar relevância nacional; b) discutir o racismo e c) ser protagonizado por uma pessoa negra. Para a seleção do vídeo, foi considerado especialmente o vídeo de maior relevância de acordo com o filtro utilizado pela própria plataforma. Para tanto, na aba dos vídeos do canal selecionado, utilizou-se o índice “mais populares” e selecionou-se o vídeo mais popular do canal mencionado.

O vídeo foi publicado em 23 de dezembro de 2018, apresenta 1.663.293 visualizações e 5.943 comentários. O material foi coletado no dia 16 de novembro de 2020. Assim, através da ferramenta *YouTube Data Tools*, foi realizada a recolha dos comentários publicados no vídeo selecionado. A extração utilizada foi conduzida por meio do módulo “Informações do vídeo e Comentários” que possibilitou acesso aos dados do vídeo, incluindo todos os comentários presentes na data da coleta.

Em seguida, os dados foram organizados no software *Microsoft Word* 2016, para a construção do *corpus* textual. Durante a formatação a identidade dos usuários foi preservada. Por fim, o *corpus* foi submetido à Análise de Conteúdo Lexical realizada através do *software* livre de fonte aberta *Iramuteq* (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*). O *Iramuteq* efetua análises estatísticas de *corpus* textuais através de tabelas, análises de conteúdo, de discurso e lexicometria (Camargo & Justo, 2013).

O conteúdo lexical contido no *corpus* produzido por este estudo foi analisado através da Análise de Similitude, onde há a possibilidade de compreender a relação de conexidade entre as palavras presentes no *corpus* textual analisado. Através desta análise de coocorrência torna-se possível verificar o conteúdo investigado, por meio da percepção dos temas centrais e da configuração do *corpus* textual (Camargo & Justo, 2013; Salviati, 2017).

3 RESULTADOS

A análise do *corpus* textual realizada no *software Iramuteq*, no algoritmo análise de similitude, gerou a Figura 1 a partir de um quantitativo de 7855 segmentos de textos e 276919 ocorrências. A árvore de coocorrência (Figura 1) apresenta indicações de forte índice de conexidade entre os vocábulos “negro”, “crespo”, “branco”, “racista”, “raça”, “feio” e “opinião” como também a reincidência desses termos retratada pelo tamanho da fonte.

citou são do povo Bantu, negros podem sim ter lábios finos e nariz fino, dizer que um traço é de negro é considerado racista”.

O termo “crespo” apresenta-se relacionado com vocábulos negativos “triste”, “ruim”, “horrrível”, “preconceito” e “difícil”, além disso, essa comunidade lexical apresenta uma relação lateral importante, a saber “crespo-feio-opinião” demonstrando assim que a negação de características racializadas está amparada no processo de branqueamento estético decorrente do racismo; como pode-se observar na conexidade entre os vocábulos, o cabelo crespo é desvalorizado e alvo de constante discriminação.

Observa-se que a valorização da cor e dos traços do branco é proporcional à negação de características negras: “(...) *Isso que ela está fazendo, colocando o cabelo crespo como feio e endeusando o liso, mas parece que o racismo é difícil de interpretar*”, “(...) *Ela só falou a verdade do cabelo crespo, ele é duro e feio mesmo*”, “*Meu cabelo era crespo e eu sofria preconceito na escola eu tinha 12 e 13 anos, então sem mentira o meu sonho era ter um cabelo liso, pois com ele não sofreria preconceito e seria feliz*”, “(...) *O problema é o racismo disfarçadamente embutido nessa autodepreciação. As mulheres negras, principalmente, ouvem o termo bombril sendo usado pejorativamente desde a infância até a vida adulta*”.

4 DISCUSSÃO

A análise da árvore de similitude revelou aspectos importantes na estrutura do *corpus* analisado referente a influência da infra-humanização na exteriorização do racismo dirigido às mulheres negras, dois elementos centrais apresentaram uma configuração mais ramificada, evidenciando uma teia de inter-relações entre a categorização e essencialização dos traços negros e a demanda pelo branqueamento.

A categorização social é amparada pela infra-humanização, através dela as pessoas se identificam com o endogrupo e atribuem ao exogrupo uma diferença essencial, essa essencialização desconsidera aspectos humanos e considera menos humano o grupo alvo do preconceito (LEYENS et al., 2001). Dessa forma, assim como pode ser verificado na ramificação cujo termo central é “negro”, evidencia-se uma categorização do negro atrelada aos aspectos fenotípicos. Allport (1962), ao investigar a natureza do preconceito discorreu a respeito da influência da categorização social na manifestação do preconceito, de acordo com o teórico o pensamento categórico pode intensificar as diferenças entre os grupos sociais.

A classificação de grupos e indivíduos através do essencialismo vinculado ao fenótipo é um fenômeno enraizado nas sociedades ocidentais que instituiu a adoção do parâmetro racial

para a justificação e manutenção da categorização social que ressalta a percepção das diferenças intergrupais (PEREIRA et al., 2011). Esse pensamento essencialista facilita a expressão do racismo e possibilita que os grupos externos sejam incluídos em categorias potencialmente negativas (BETANCOR et al., 2005).

No Brasil, observa-se que o racismo apresenta uma forte vinculação com a cor da pele dos indivíduos (FERNANDES; PEREIRA, 2019). Essa sub-humanização racializada também encontra amparo na negação da subjetividade da mulher negra, os membros do grupo racializado são tomados apenas como componentes de uma categoria homogênea (PEREIRA; SALES; CABECINHAS, 2020). A solidificação dos aspectos identificatórios desses grupos raciais/étnicos e de gênero desqualificam determinadas características do exogrupo em detrimento do enaltecimento dos aspectos do endogrupo (FEITOSA; PAIVA; SILVA, 2019).

Nesse sentido, a manutenção da categoria de raça e a tentativa de apagamento dos traços negroides acompanhados do discurso de insuficiência intelectual e grupal resulta em sentimentos de inferioridade que circundam as relações sociais (FERREIRA; CAMARGO, 2011; PEREIRA et al., 2011). A desvalorização da mulher negra é decorrente de sua categorização fenotípica e de toda a historicidade a ela vinculada. Atualmente ainda há um distanciamento significativo relacionado com a representação da mulher negra, as características atribuídas a mulher negra se assemelham a aspectos eurocêtricos fundamentados no branqueamento (SILVA; MONTEIRO, 2018).

Assim como pode ser verificado no segundo núcleo central da árvore de similitude, cujo termo central da ramificação é “crespo” que revela discursos associados a termos pejorativos como “horível” e “ruim”. A utilização desses vocábulos permeia uma configuração discursiva acerca do branqueamento da mulher negra e conseqüentemente a infra-humanização dela. O branqueamento é um emaranhado de atitudes, normas e valores adotados pelos negros para se adequar ao modelo dominante do branco e conseqüentemente incorporar uma identidade racial positiva (LIMA, 2020).

As representações negativas em torno das características negras podem ser observadas nas produções literárias, nos ditos populares, e em outras esferas da cultura onde a cor preta e um grupo social, os negros, eram representados como uma raça social estigmatizada e dependente da parte branca da população (BATISTA, 2020). Nessa perspectiva, buscando a aceitação social, a população negra iniciou o embranquecimento de hábitos, vestimentas, linguagem e até mesmo características como é o caso do cabelo crespo (MAIA; ZAMORA, 2018).

A estética negra é negada a partir da imposição colocada pela sociedade à mulher negra, discurso que valoriza a mulher branca, de traços finos, cabelo liso e loiro, e a coloca em um padrão de beleza eurocêntrico a ser seguido (FERREIRA; HAMLIN, 2010). O processo de branqueamento da mulher negra envolve questões como o alisamento do cabelo, que se inicia na infância, e é realizado pelas próprias mulheres da família, como forma de ser considerada aceita na sociedade, ao possuir cabelo liso, mesmo que seja através de químicas (MESQUITA; TEIXEIRA; SILVA, 2020).

Os traços fenótipos como a pele negra e o cabelo crespo, representam mais que características, são expressões e suportes simbólicos do processo de construção da identidade negra no Brasil, intensificados pelos aspectos culturais, sociais, políticos e ideológicos que envolvem diferentes formas de vivenciar a identidade negra: rejeição, aceitação, ressignificação e representatividade (GOMES, 2008).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi investigar as crenças raciais manifestadas no *Youtube* relacionadas às mulheres negras. De modo geral, os resultados desta pesquisa demonstram que a infra-humanização dos negros, mais especificamente das mulheres negras, resulta no racismo expresso na rede social analisada. Os comentários analisados neste estudo foram segmentados através da divisão das crenças raciais em dois eixos: infra-humanização e racismo; racismo e branqueamento. Esses dois eixos evidenciam que o racismo vivenciado pelas mulheres negras está vinculado com a essencialização de seus traços, como é o caso da cor da pele, e com o branqueamento de características que marcam uma identidade racial negativada, como ocorre com o cabelo crespo. É possível justificar essa afirmativa através dos discursos racializados utilizados para amparar os comentários analisados.

No geral, ao examinar a pesquisa, pode-se apontar como limitações, em primeiro lugar a escolha intencional da amostra explorada e o contexto no qual ela ocorreu, o que impossibilita generalizações. O foco da investigação mantido no *Youtube* não permitiu a análise de publicações em outras redes sociais, fato que poderia nos nortear para outras considerações. Além disso, é importante pontuar que o estudo com a coleta de informações nas RSO é limitado à população que tem acesso à internet e, além disso, está presente nas redes sociais.

Apesar das limitações, a pesquisa atingiu o objetivo proposto e os resultados estão de acordo com a literatura da área, o que demonstra a relevância da pesquisa realizada. A presente investigação abre espaço para novos estudos que a partir de dados quantitativos podem se

debruçar sobre o fenômeno do racismo nas redes sociais. Para tanto, sugere-se a ampliação deste estudo para outras redes sociais como o *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*. Ademais, compreendendo a complexidade dos trabalhos sobre o racismo no cenário brasileiro, seria interessante, em pesquisas futuras, investigar o racismo direcionado às mulheres negras em outros contextos sociais.

REFERÊNCIAS

ALLPORT, Gordon. Willard. **La naturaleza del prejuicio**. Buenos Aires: Eudeba, 1962.

ALMEIDA, Beatriz e BIÃO, Leonardo. **A convergência midiática como ferramenta na reconstrução da autoestima da mulher negra**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, v. 7, n. 1, p. 1–12, 2018. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nordeste2013/resumos/R37-0415-1.pdf>>.

BATISTA, Elicardo Heber de Almeida. **Processos de branqueamento, racismo estrutural e tensões na formação social brasileira**. Geografia em Atos (Online), v. 4, n. 19, p. 11–37, 19 Dez 2020. Disponível em: <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/geografiaematos/article/view/7725>>. Acesso em: 24 maio 2021.

BETANCOR, Verónica e colab. **Relación de la infrahumanización del exogrupo con los procesos de inferencia y memoria**. Psicothema, v. 17, n. 3, p. 447–452, 2005.

BISPO, Silvana Santos. **Feminismos em Debate: Reflexões sobre a organização do movimento de mulheres negras em Salvador (1978 - 1997)**. 2011. 204 f. Universidade Federal da Bahia, 2011.

BLIUC, AM e colab. **Redes online de ódio racial: uma revisão sistemática de 10 anos de pesquisa sobre ciber-racismo**. Computers in Human Behavior, n. 87, p. 75–86, 2018.

BROWN, Christopher. **WWW.HATE.COM: White supremacist discourse on the internet and the construction of whiteness ideology**. Howard Journal of Communications, v. 20, n. 2, p. 189–208, 2009.

CAMARGO, Brígido. Vizeu. e JUSTO, Ana. Maria. **Tutorial para uso do software de análise textual IRAMUTEQ**. Universidade Federal de Santa Catarina - Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição - Laccos. [S.l: s.n.]. 2013.

CARNEIRO, Sueli. Estrelas com luz própria. **In História Viva Temas Brasileiros**. São Paulo: Ediouro e Segmento-Duetto, 2006. p. 46–51.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. Estudos Avançados, v. 17, n. 49, p. 117–132, 2003.

CARONE, Iray e BENTO, Maria Aparecida Silva. **Psicologia Social do Racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Perópolis: Vozes, 2002.

CISNEROS, J. David e NAKAYAMA, Thomas K. **New Media, Old Racisms: Twitter, Miss America, and Cultural Logics of Race**. Journal of International and Intercultural Communication, v. 8, n. 2, p. 108–127, 2015.

DIGITAL. **Global Overview Report**. Disponível em: <<https://wearesocial.com/digital-2021>>. Acesso em: 22 abr 2021.

DOMINGUES, Petrônio José. **Negros de almas brancas? A ideologia do branqueamento no interior da comunidade negra em São Paulo, 1915-1930.** Estudos Afro-Asiáticos, v. 24, n. 3, p. 563–599, 2002.

DOMINGUES, Petrônio José. **Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição.** São Paulo: Senac, 2004.

ESTRADA, Claudia e OYARZÚN, Miriam e YZERBYT, Vincent. **Teorías implícitas y esencialismo psicológico: Herramientas conceptuales para el estudio de las relaciones entre y dentro de los grupos.** Psykhe, v. 16, n. 1, p. 111–121, 2007.

FEITOSA E PAIVA, G. M. e SILVA, T. M. O. **Do preconceito à (im)polidez: aspectos sociais, ideológicos e linguísticos que circunscrevem práticas racistas e sexistas no Facebook.** Cadernos de Linguagem e Sociedade, v. 20, p. 117–133, 2019.

FERNANDES, Sheyla Christine Santos. **Crenças Raciais e Infra-humanização: uma análise psicossocial do preconceito contra negros.** 2011. 334 f. Universidade Federal da Bahia, 2011.

FERNANDES, Sheyla Christine Santos. e PEREIRA, Marcos Emanuel. **Endogrupo versus Exogrupo: o papel da identidade social nas relações intergrupais.** Estudos & Pesquisas em Psicologia, v. 18, n. 1, 2018.

FERNANDES, Sheyla Christine Santos e PEREIRA, Marcos Emanuel. **Percepção de Diferenças Intergrupais e Infra-humanização.** INTERthesis, v. 16, n. 2, p. 75–92, 2019.

FERNANDES, Sheyla Christine Santos e colab. **Relações Raciais No Facebook: Análise De Comentários Acerca De Conteúdos Raciais Digitais.** Investigação Qualitativa em Ciências Sociais: Avanços e Desafios, p. 317–329, 2020.

FERREIRA, Jonatas e HAMLIN, Cynthia. **Mulheres, negros e outros monstros: Um ensaio sobre corpos não civilizados.** Estudos Feministas, v. 18, n. 3, p. 811–836, 2010.

FERREIRA, Ricardo Franklin e CAMARGO, Amilton Carlos. **As relações cotidianas e a construção da identidade negra.** Psicologia: Ciência e Profissão, v. 31, n. 2, p. 374–389, 2011.

FONSÊCA, Patrícia Nunes e colab. **Uso de redes sociais e solidão: evidências psicométricas de escalas.** Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 70, n. 3, p. 198–212, 2018. Disponível em: <www.lacan.dk3.com>.

GOMES, Nilma Lino. **Sem Perder a raiz: cabelo como símbolos da identidade negra.** [S.l.: s.n.], Autêntica, 2005.

JONES, J. M. **Racismo e preconceito.** São Paulo: Edgard Blücher, 1972.

LATTA, Margaret Macintyre e THOMPSON, Christine Marmé e CAYARI, Christopher. **International Journal of Education & the Arts The YouTube Effect: How YouTube Has Provided New Ways to Consume, Create, and Share Music.** International Journal of

Education & the Arts, v. 12, n. 6, p. 1–28, 2011. Disponível em: <<http://www.ijea.org/http://www.ijea.org/v12n6/>>.

LEYENS, Jacques Philippe e colab. **Emotional prejudice, essentialism, and nationalism: The 2002 Tajfel Lecture**. European Journal of Social Psychology, v. 33, n. 6, p. 703–717, 2003.

LEYENS, Jacques Philippe e colab. **Psychological essentialism and the differential attribution of uniquely human emotions to ingroups and outgroups**. European Journal of Social Psychology, v. 31, n. 4, p. 395–411, 2001.

LEYENS, Jacques-Philippe e colab. **Infra-humanization: The Wall of Group Differences**. Social Issues and Policy Review, v. 1, n. 1, p. 139–172, 2007.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira. e VALA, Jorge. **A cor do sucesso: efeitos da performance social e econômica no branqueamento e na infra-humanização dos negros no Brasil**. Psicologia USP, v. 16, n. 3, p. 143–165, 2005.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira. e VALA, Jorge. **Sucesso social, branqueamento e racismo**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 20, n. 1, p. 11–19, 2004.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira. **Psicologia Social do Preconceito e do Racismo**. São Paulo: Blucher Open Access, 2020.

LOUISY, Lorena. **Ludmilla é vítima de ataques racistas e desativa suas redes sociais**. Disponível em: <<https://lorena.r7.com/post/Ludmilla-e-vitima-de-ataques-racistas-e-desativa-suas-redes-sociais>>. Acesso em: 27 maio 2021.

LOUREIRO, Luís Miguel. **Os arquivos globais de vídeo na Internet: entre o efêmero e as novas perenidades. O caso YouTube**. Comunicação e Sociedade, v. 12, p. 163–172, 2007.

MAIA, Kenia Soares e ZAMORA, Maria Helena Navas. **O Brasil e a lógica racial: do branqueamento à produção de subjetividade do racismo**. Psicologia Clínica, v. 30, n. 2, p. 265–286, 2018.

MAIA, Kenia Soares e ZAMORA, Maria Helena Navas. **O Brasil e a lógica racial: do branqueamento à produção de subjetividade do racismo**. Psicologia Clínica, v. 30, n. 2, p. 265–286, 2018.

MALTA, Renata Barreto e OLIVEIRA, Thaíse Batista. **Enegrecendo as redes: o ativismo de mulheres negras no espaço virtual**. Revista Gênero, v. 16, n. 2, p. 55–69, 2016.

MATOS, Ludimila Santos. **O Youtube não liga pra gente: Agenciamentos sociotécnicos na percepção de criadores de conteúdo brasileiros para o Youtube**. Porto Alegre: [s.n.], 2020.

MELO, Glenda Cristina Valim De e LOPES, Luiz Paulo da moita. **A performance narrativa de uma blogueira: “Tornando-se preta em um segundo nascimento”**. Alfa, v. 58, n. 3, p. 541–569, 2014.

MESQUITA, Juliana Schneider e TEIXEIRA, Juliana Cristina e SILVA, Caroline Rodrigues. **“Cabelo (crespo e cacheado) pro alto, me levando a saltos” em meio à ressignificação das identidades de mulheres negras em contextos sociais e organizacionais.** Revista Eletrônica de Ciência Administrativa, v. 19, n. 2, p. 227–256, 2020.

MESSMER, Ellen. **Racism, hate, militancy sites proliferating via social networking.** Disponível em: <<https://www.networkworld.com/article/2255534/racism--hate--militancy-sites-proliferating-via-social-networking.html>>. Acesso em: 1 maio 2021.

MOURA, Ratiana Maria. **Racismo nas redes sociais: perpetuação do imaginário social de inferiorização do negro na sociedade brasileira.** Emblemas, v. 12, n. 2, p. 42–51, 2015.

PAULA, Rogéria Costa. **“Não quero ser branca não. Só quero um cabelo bom, cabelo bonito!” Performances de corpos/cabelos de adolescentes negras em práticas informais de letramento.** Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2010.

PEREIRA, Ana Cristina e SALES, Michelle e CABECINHAS, Rosa. **(In)visibilidades: imagem e racismo.** Vista, n. 6, p. 9–19, 2020.

PEREIRA, Marcos Emanuel e colab. **Estereótipos e essencialização de brancos e negros: um estudo comparativo.** Psicologia & Sociedade, v. 23, n. 1, p. 144–153, 2011.

PRENTICE, Deborah A. e MILLER, Dale T. **Psychological essentialism of human categories.** Current Directions in Psychological Science, v. 16, n. 4, p. 202–206, 2007.

RECUERO, Raquel. **Tipologia de Redes Sociais Brasileiras no Fotolog.com.** E-Compós, v. 9, p. 1–20, 2007.

RIBEIRO, Matilde. **Mulheres negras: Uma trajetória de criatividade, determinação e organização.** Revista Estudos Feministas, v. 16, n. 3, p. 987–1004, 2008.

SALVIATI, M. E. **Manual do aplicativo IRaMuTeQ.** Toulouse, França. Planaltina: [s.n.]. Disponível em: <http://www.iramuteq.org/documentation/html>, 2017.

SHAFER, Jessica Gantt. **Donald trump’s “political incorrectness”: Neoliberalism as frontstage racism on social media.** Social Media and Society, v. 3, n. 3, 2017.

SILVA, Alexandra de Jesus. **Cultura e representatividade negra no mundo da cibercultura.** Grau Zero, v. 7, n. 1, p. 93–110, 2019.

SILVA, Luiz Rogério Lopes e Botelho-Francisco, Rodrigo Eduardo. **Da representação ao monitoramento: a criação de uma ontologia do discurso de ódio online brasileiro.** AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento, v. 7, n. 2, p. 28–33, 2018.

SILVA, Luiz Rogério Lopes e colab. **A gestão do discurso de ódio nas plataformas de redes sociais digitais: um comparativo entre Facebook, Twitter e Youtube.** Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação, v. 12, n. 2, p. 470–492, 2019.

SILVA, Monalisa Nanaina e Monteiro, Juliana Cristina dos Santos. **Representatividade da mulher negra em cartazes publicitários do Ministério da Saúde**. Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 52, n. 0, p. 1–7, 2018.

VELOSO, Simone Cristalino. **Encrespar é resistir: A ideologia do branqueamento e seus reflexos na estética das mulheres negras**. Brasília: Universidade de Brasília, 2015.

YOUTUBE. **Gabi Oliveira**. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/c/GabiDePretas/about>>. Acesso em: 22 maio 2021.a

YOUTUBE. **Youtube em números**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/intl/pt-BR/about/press/>>. Acesso em: 10 fev 2021.b